

Potencial Paisagístico de Espécies do Bioma da Caatinga.

A Aplicação de Espécies Nativas do Estado do Ceará em Projetos de Paisagismo Sustentável

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO BIOFÍSICA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM

Ana Carolina da Rocha Ferreira Leite
UNIFOR – Universidade de Fortaleza
E-mail: anacar2211@gmail.com

Maria Christina dos Martins Coelho Bessa
UNIFOR – Universidade de Fortaleza
E-mail: christinacbessa@unifor.br

RESUMO

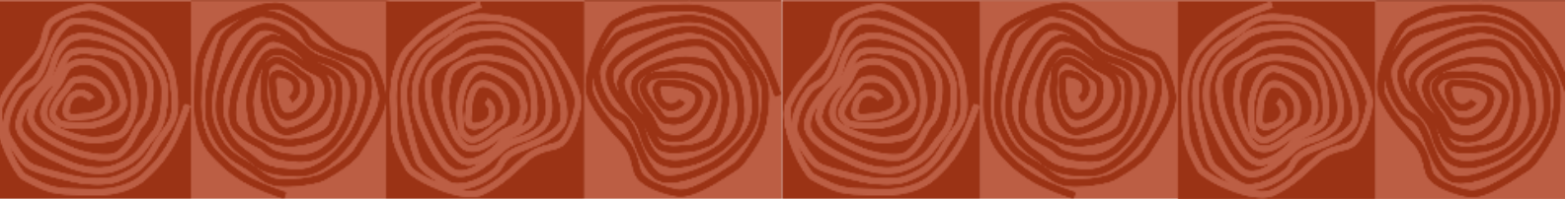
O bioma Caatinga é caracterizado por sua biodiversidade e resiliência. Possui inúmeras espécies arbustivas e de forração com alto valor ornamental e ecológico. Este estudo visa apresentar o potencial paisagístico de espécies nativas do bioma Caatinga no Estado do Ceará, destacando sua importância para o paisagismo sustentável em regiões semiáridas. Foram levantadas características morfológicas, fenológicas e ecológicas relevantes para o uso paisagístico, considerando critérios estéticos, adaptabilidade e conservação ambiental. Como resultados, espécies como *Amburana cearensis*, *Poincianella pyramidalis*, *Calliandra spinosa*, *Ipomoea* sp., *Pereskia grandifolia*, *Zephyranthes sylvatica*, *Encholirium spectabile*, *Tillandsia usneoides* e *Pilosocereus gounellei* demonstraram notável potencial para diferentes aplicações paisagísticas. Este trabalho reforça a necessidade de maior valorização das plantas nativas da Caatinga para projetos de paisagismo

PALAVRAS-CHAVE: biodiversidade; Caatinga; resiliência.

ABSTRACT

The Caatinga biome is characterized by its biodiversity and resilience. It harbors numerous shrub and groundcover species with high ornamental and ecological value. This study aims to present the landscape potential of native species from the Caatinga biome in the state of Ceará, highlighting their importance for sustainable landscaping in semi-arid regions. Morphological, phenological, and ecological characteristics relevant to landscape use were surveyed, considering aesthetic criteria, adaptability, and environmental conservation. As results, species such as *Amburana cearensis*, *Poincianella pyramidalis*, *Calliandra spinosa*, *Ipomoea* sp., *Pereskia grandifolia*, *Zephyranthes sylvatica*, *Encholirium spectabile*, *Tillandsia usneoides*, and *Pilosocereus gounellei* demonstrated remarkable potential for various landscape applications. This study reinforces the need for greater appreciation of native Caatinga plants in landscape design projects.

KEYWORDS: biodiversity; Caatinga; resilience.



1 INTRODUÇÃO

A palavra “Caatinga” é de origem tupi-guarani, e quer dizer “mata branca” ou “floresta branca”, referindo-se à aparência que a vegetação adquire durante as estações de seca, quando a predominância da paisagem é de tons brancos ou tons claros, devido aos troncos das árvores e arbustos que perdem todas as suas folhas, flores e frutos. Trata-se do único bioma exclusivamente brasileiro, com uma área de 862.818 km², e fica localizado no Semiárido mais populoso e de maior biodiversidade do mundo, ocupando um total de aproximadamente 10,1% do território brasileiro, de acordo com o Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima (MMA, 2024).

Seu clima é quente e possui duas estações bem definidas: a seca, com uma média de sete a dez meses, e a chuvosa, definida por precipitações irregulares. Essas características, aliadas a um solo rochoso, de pouca profundidade e baixa fertilidade natural e pouca capacidade de retenção hídrica, acabaram gerando uma biodiversidade muito peculiar, resiliente e de paisagem dinâmica, que varia radicalmente de acordo com a estação das chuvas. Sua área estende-se pelos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí, Sergipe e o norte de Minas Gerais (KIILL; ALVAREZ; TERAQ, 2013).

As espécies nativas da Caatinga são de enorme riqueza estética e potencial paisagístico. No entanto, o seu uso em projetos de qualquer escala ainda é muito limitado, tanto por falta de um conhecimento mais aprofundado por parte dos profissionais da área, quanto pela pouca ou quase inexistente oferta do mercado tradicional de plantas. A crescente demanda de projetos sustentáveis e a urgência de uma abordagem que considere os eventos de mudanças climáticas como algo primordial impulsionam a busca por plantas nativas adaptadas em ambientes áridos, com pouco consumo de água e de baixa manutenção.

Dentro desse contexto é importante ressaltar que, em muitos projetos paisagísticos, é comum a utilização de espécies vegetais provenientes de outros biomas ou até de outros países — as chamadas espécies exóticas. Essas plantas, embora possam apresentar qualidades ornamentais e adaptabilidade, muitas vezes não dialogam com as características ecológicas, climáticas e culturais do local onde são implantadas, podendo inclusive comprometer a integridade do ecossistema ao competir com a flora nativa (CARDIM, 2022).

Em contraponto, o uso de espécies nativas — aquelas que evoluíram naturalmente em determinado bioma — reforça a identidade paisagística regional, além de contribuir para a manutenção da biodiversidade. Assim, ainda que o uso consciente de algumas espécies exóticas seja viável em contextos específicos, é preciso reforçar a importância da coerência ecológica e cultural na escolha da vegetação, dando prioridade àquelas melhor adaptadas ao clima e às condições do solo, buscando espécies do próprio bioma da Caatinga como estratégia para a construção de paisagens sustentáveis, resilientes e ambientalmente integradas, além de proporcionar uma maior conexão com a identidade regional (CARDIM, 2022).



Este estudo se propõe a apresentar o potencial paisagístico de espécies nativas do bioma Caatinga no Estado do Ceará. Para tanto, foram escolhidas ao todo 60 (sessenta) espécies nativas da Caatinga, consideradas de grande potencial paisagístico (KIILL; ALVAREZ; TERAQ, 2013 e MAIA, 2004), incluindo as de forração, os cipós, espécies arbustivas e arbóreas e, por fim, os cactos e as bromélias, levando em conta a sua capacidade de contribuição para a promoção da biodiversidade e conservação ambiental, além do potencial estético de uma vegetação que pode proporcionar uma paisagem dinâmica, que se transforma de acordo com o aporte hídrico, e que são encontradas no bioma da Caatinga referente ao Estado do Ceará.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, de natureza exploratória e descritiva, cuja fundamentação teórica foi construída a partir da revisão bibliográfica de livros, artigos científicos e publicações acadêmicas que abordam o paisagismo sustentável e o uso de espécies nativas, com foco no bioma Caatinga, e as principais fontes de referências foram os livros de Ricardo Cardim, Gerda Nickel Maia, Lúcia Helena Piedade Kill, Daniel Terao e Ivan André Alvarez.

As informações também foram complementadas por meio de consultas a fontes digitais confiáveis, utilizando ferramentas de busca na internet para o levantamento de dados atualizados sobre as características morfológicas, ecológicas e paisagísticas das espécies selecionadas.

As espécies selecionadas foram identificadas por meio de pesquisa em literatura especializada sobre a vegetação do bioma Caatinga. Posteriormente, foram organizadas em planilha, em ordem alfabética do nome científico, classificadas segundo os grupos funcionais: árvores, espécies arbustivas, trepadeiras, herbáceas e cactáceas. A planilha apresenta informações botânicas essenciais, tais como família, altura média, dimensão de copa e características morfológicas relevantes que conferem a essas espécies um potencial para uso paisagístico.

Essa abordagem permitiu reunir, organizar e analisar informações relevantes para subsidiar a identificação do potencial paisagístico das espécies estudadas, alinhando o conhecimento técnico à prática projetual no contexto da sustentabilidade.

3 O PROCESSO DE DECOLONIZAÇÃO DO PAISAGISMO NO BRASIL

Seguindo o exemplo das metrópoles europeias e seu processo de modernização, a partir da segunda metade do século XIX os jardins públicos e privados passaram a integrar a paisagem das principais cidades brasileiras. No entanto, esses jardins se restringiam basicamente a espécies exóticas importadas, em detrimento de espécies nativas, tratadas com aversão por determinados estratos da sociedade (DOURADO, 2009).

Esse panorama começou a mudar após a proclamação da República em 1889, e teve como figura fundamental para elevar o prestígio das espécies nativas e disseminar seu uso em jardins brasileiros o botânico francês Auguste François Maire Glaziou. Durante o período entre 1858 e 1897 Glaziou trabalhou como Diretor de Parques e Jardins da Casa Imperial no Rio de Janeiro e, apesar de desenvolver projetos nos moldes do jardim paisagístico inglês, inseriu espécies da flora nativa em jardins e parques, como por exemplo o oitizeiro



(*Licania tomentosa*), ainda hoje muito presente na paisagem da cidade. Além disso, organizou viagens de coleta de espécies para utilização em seus jardins descobriu várias novas espécies e criou um herbário de vinte e quatro mil exsicatas, posteriormente doadas ao Museu de História Natural de Paris (DOURADO, 2009).

Com a publicação do livro “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, em 1902, deu-se início a uma nova compreensão do Brasil através de uma nova visão não-romântica da natureza, expondo um Brasil pouco conhecido, o sertão, com toda a sua dureza. Na primeira parte do livro Euclides da Cunha descreve com detalhes a paisagem da Caatinga:

E ao tornar da travessia o viajante, pasmo, não vê mais o deserto.

Sobre o solo, que as amarílis atapetam, ressurge triunfalmente a flora tropical.

É uma mutação de apoteose.

Os mulungus rotundos, à borda das cacimbas cheias, estadeiam a púrpura das largas flores vermelhas, sem esperar pelas folhas; as caraíbas e baraúnas altas refrondescem à margem dos ribeirões refertos; ramalham, ressoantes, os marizeiros esgalhados, à passagem das virações suaves; assomam, vivazes, amortecendo as truncaduras das quebradas, as quixabeiras de folhas pequeninas e frutos que lembram contas de ônix; mais virentes, adensam-se os icozeiros pelas margens, sob o ondular festivo dos ouricuris: ondeiam, móveis, avivando a paisagem, acamando-se nos plainos, arredondando as encostas, as moitas floridas do *alecrim-dos-tabuleiros*, de caules finos e flexíveis; as umburanas perfumam os ares, filtrando-os nas frondes enfolhadas, e - dominando a revivescência geral - não já pela altura, senão pelo gracioso porte, os umbuzeiros alevantam dois metros sobre o chão, irradiantes em círculo, os galhos numerosos (CUNHA, 2019, p. 88).

Ainda no início do século XX, mais precisamente partir dos anos 20 e do Movimento Modernista, à medida em que a intelectualidade brasileira avançava no sentido de conhecer o Brasil e reconhecer a própria “brasilidade”, elementos da paisagem da Caatinga começaram a surgir nas artes plásticas (Abaporu, Tarsila do Amaral, 1928) e também começaram a ser incorporados em projetos de arquitetura (residência de Gregório Warchavchik, em São Paulo, no jardim de sua residência, realizado por sua esposa Mina Klabin).

No entanto, a consolidação de um novo movimento no paisagismo brasileiro só se deu verdadeiramente quando entrou em cena o jovem paisagista Roberto Burle Marx. Sua chegada em Recife para assumir o Setor de Parques e Jardins do Governo do Estado de Pernambuco marcou um novo período, pois foi quando começou a se configurar o conceito de “jardim brasileiro”, através do qual Burle Marx começa a pensar o paisagismo a partir de elementos da paisagem local, tendo a vegetação como o principal elemento (CARNEIRO, 2009).

Permanecendo em Recife entre os anos de 1934 e 1937, Burle Marx concebeu diversos projetos completos e fez intervenções em praças já existentes, mas em 1935 realizou dois projetos considerados emblemáticos: O jardim da Praça de Casa Forte e o jardim da Praça Euclides da Cunha, ambos tombados como jardins históricos. O primeiro se configura como um jardim aquático de inspiração amazônica, e o segundo homenageia o autor d’Os



Sertões criando uma paisagem sertaneja com o uso de vegetação típica da Caatinga em pleno litoral pernambucano (NOBRE, 2010).

Segundo Ana Rita C. Ribeiro et al (2007, p. 3-4), esse foi o primeiro jardim essencialmente brasileiro, com a intenção evidente de representar um dos mais singulares domínios de nossa flora. De acordo com as autoras, o jardim de cactáceas veicula os princípios do movimento moderno, que preconizava a valorização das raízes brasileiras ao evocar o ambiente e os condicionantes da vegetação da caatinga em sua diversidade: “O jardim de cactáceas procura transmitir através da diversidade das plantas, de suas formas duras, de suas epidermes grossas de ricas texturas, aspectos da luta do homem e da luta da terra do Sertão” (p. 7).

4 O USO DE ESPÉCIES NATIVAS: IDENTIDADE E SUSTENTABILIDADE

O conceito de sustentabilidade, melhor definido através do Relatório Brundtland da ONU em 1987, diz que “A sustentabilidade é a capacidade de atender às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atenderem às suas próprias necessidades, envolvendo aspectos ambientais, sociais e econômicos”, e se baseia em um tripé: o social, que abrange questões como a justiça social, a redução das desigualdades, a promoção do bem-estar humano e a valorização da cultura e do conhecimento local, o econômico, que aborda um modelo de crescimento econômico que seja justo, equitativo e que considere os limites ambientais, e o ambiental, que trata da proteção dos recursos naturais e da biodiversidade, buscando minimizar os impactos negativos das atividades humanas no meio ambiente.

Diante da urgência de se buscar uma prática de paisagismo mais alinhada com os conceitos de sustentabilidade, com escolhas que possibilitem maiores benefícios ecossistêmicos, o botânico e paisagista Ricardo Cardim defende em seu livro “Paisagismo Sustentável para o Brasil” que devemos considerar, em primeiro plano, “a multifuncionalidade do projeto embasada principalmente em evidências científicas em contraponto ao paisagismo monofuncional usual, focado em preocupações artísticas e estéticas.” Além disso, considera “a necessidade de que o paisagismo sustentável brasileiro tenha como foco a rica biodiversidade nativa e a vegetação nativa como arcabouço de sustentação do ecossistema planejado, da educação ambiental, dos usos e de sua valorização estética” (CARDIM, 2022).

O mesmo autor ainda reforça que “o paisagismo é uma manifestação cultural, e dentro dele há a liberdade de criação estética de seu projetista, usando as espécies vegetais como instrumento de beleza e transformando-as em objeto de admiração e valorização na sociedade” (p.187). Nesse sentido, o uso de espécies nativas, proposto pelo paisagismo sustentável, além do impacto positivo para o meio ambiente, ainda carrega consigo a oportunidade de uma maior visibilidade e conhecimento da própria biodiversidade, resgatando a relação com o lugar e a autoestima de quem passa a compreender o valor da riqueza natural que tem a sua volta, incorporando-a como um elemento de identidade.

Atualmente, qualquer projeto proposto que não leve em consideração o acelerado processo de mudanças climáticas e suas consequências, tende a nascer já obsoleto. Os impactos da crise climática já se fazem perceber no cotidiano, e a urgência de soluções que visem minimizar e reverter esse processo de degradação do meio ambiente se torna cada vez mais presente nos projetos paisagísticos. Fernando Chacel já trazia à tona esta questão:



No terceiro milênio, o arquiteto paisagista deverá enfrentar um grande desafio: contribuir com um esforço maior e o conjunto da humanidade para salvação do planeta.

Sem prescindir da parceria com outros profissionais, em particular aqueles especializados em ciências naturais e com conhecimento de temas relacionados ao meio ambiente, o arquiteto paisagista marcará sua presença no planejamento da paisagem e seus desdobramentos.

Será através da interdisciplinaridade do trabalho em equipe, multidisciplinar, e do fornecimento técnico-científico da sua formação no campo da ecologia e da etologia que o arquiteto poderá, certamente, agir na complexa e delicada tarefa de leitura e compreensão da paisagem e seus componentes – físicos, bióticos e antrópicos.

Será, também, na busca de novos modelos de intervenção, que tenham como referência o banco genético e os testemunhos das paisagens naturais e culturais ameaçadas, ou em vias de extinção, que surgirá, para as propostas paisagísticas uma nova estética – a estética ecológica. [...] (CHACEL, 2001 apud BORELLI, 2017, p. 49)

As espécies nativas regionais se fazem presentes em determinadas áreas sem interferência humana, e seguem fronteiras biogeográficas naturais, se moldando ao ambiente ao longo de séculos. As espécies da Caatinga são extremamente adaptadas a um ambiente de solo pobre em nutrientes, onde há escassez de água durante a maior parte do ano e o sol escaldante se faz presente praticamente durante o ano inteiro. Essas características, que lhe conferem grande resistência e capacidade de resiliência, fazem com que se tornem espécies de grande potencial para um projeto sustentável. Além disso, ainda são fonte de alimento para inúmeras espécies da fauna local, como as abelhas nativas (que em sua maioria são desprovidas de ferrão) e outros polinizadores, que atuam como vetores para a manutenção da qualidade dos ecossistemas e consequentemente da biodiversidade (CARDIM, 2022).

Diante da abrangência de serviços ecossistêmicos prestados pela vegetação da Caatinga, e com o intuito de fomentar o projeto paisagístico sustentável, foi elaborada uma planilha com as espécies selecionadas e suas características e potenciais, a ser utilizada como um guia para conhecimento e base de pesquisa para projetos paisagísticos.

5 ESPÉCIES SELECIONADAS FINAIS

Foram selecionadas 60 espécies do bioma da Caatinga, endêmicas ou não, encontradas especificamente dentro dos limites geográficos do estado do Ceará.

5.1 Critérios de seleção de espécies

A seleção de espécies da Caatinga com potencial paisagístico foi realizada com base em literatura especializada e listas botânicas da flora nordestina. Foram selecionadas um total de 60 espécies para indicação em projetos paisagísticos, levando-se em conta o valor estético, além de considerados o porte, a copa e diversidade de floração.

Algumas espécies foram escolhidas pelo tipo de tronco, texturas, cores e formatos, e de uma forma geral foram selecionadas pela possibilidade de substituição de espécies exóticas comumente utilizadas, considerando-se sua adaptabilidade, rusticidade e funcionalidade em projetos paisagísticos, além da baixa necessidade de manutenção e capacidade de atrair fauna nativa. As espécies escolhidas têm potencial para serem utilizadas em arborização urbana, praças, parques, canteiros centrais, jardins públicos e privados, inclusive em áreas de restauração.

5.2 Tabelas de espécies nativas da Caatinga com potencial paisagístico

As espécies listadas nas tabelas a seguir foram classificadas de acordo com a tipologia, na seguinte ordem: árvores, arbustivas, palmeiras, trepadeiras, herbáceas, cactáceas e bromélias.

Tabela 1 - Lista de espécies: árvores, arbustivas e palmeiras

Nome Científico	Nome Popular	Família	Altura	Características da Copa	Potencial Paisagístico
<i>Amburana cearensis</i>	Umburana-de-cheiro	Fabaceae	10–35 m	Copa média, aplanada	Madeira ornamental, fragrância agradável
<i>Anadenanthera colubrina</i>	Angico-de-carçoço	Fabaceae	8–20 m	Copa ampla e aberta	Florada chamativa, sombra densa
<i>Aspidosperma pyrifolium</i>	Pau-pereiro	Apocynaceae	4–12 m	Copa globosa	Rústico, florada branca ou rosada
<i>Ceiba glaziovii</i>	Paineira ou Barriguda	Malvaceae	10–15 m	Copa arredondada	Tronco escultural, florada marcante
<i>Cochlospermum vitifolium</i>	Pacoté	Bixaceae	4–8 m	Copa rala	Floração amarela vibrante
<i>Commiphora leptophloeus</i>	Umburana-de-cambão	Burseraceae	5–8 m	Copa irregular	Casca descamante, aspecto exótico
<i>Erythrina velutina</i>	Mulungu	Fabaceae	6–12 m	Copa ampla e densa	Flor vermelha vistosa, atrai fauna
<i>Fraunhoferia multiflora</i>	Pau-branco	Celastraceae	6–10 m	Copa arredondada	Tronco claro, adaptada a solos pobres
<i>Handroanthus impetiginosus</i>	Pau-d'arco	Bignoniaceae	8–15 m	Copa média	Florada roxa intensa, ornamental
<i>Jacaranda brasiliana</i>	Caroba	Bignoniaceae	6–12 m	Copa alongada	Flores azuladas,

					atrativa para polinizadores
<i>Libidibia ferrea</i>	Pau-ferro ou Jucá	Fabaceae	8–15 m	Copa densa e arredondada	Tronco ornamental rajado, florada amarela
<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Aroeira	Anacardiaceae	8–18 m	Copa globosa	Rusticidade, sombra ampla
<i>Poincianella pyramidalis</i>	Catingueira	Fabaceae	3–6 m	Copa irregular	Folhagem delicada, tolerante à seca
<i>Senna spectabilis</i>	Canafístula	Fabaceae	6–10 m	Copa globosa	Floração amarela, rápido crescimento
<i>Spondias tuberosa</i>	Umbuzeiro	Anacardiaceae	6–10 m	Copa larga e baixa	Frutífera e culturalmente importante
<i>Tabebuia aurea</i>	Caraibeira	Bignoniaceae	5–8 m	Copa aberta	Florada amarela intensa, tronco claro
<i>Ziziphus joazeiro</i>	Juazeiro	Rhamnaceae	8–12 m	Copa densa	Sempre-verde, importante para a fauna
<i>Allamanda blanchetii</i>	Alamanda-vermelha	Apocynaceae	2–3 m	Arbustiva, densa	Flores ornamentais, ideal para cercas-vivas
<i>Bauhinia cheilantha</i>	Mororó	Fabaceae	2–4 m	Copa arredondada	Flor roxa vistosa, jardins rústicos
<i>Calliandra macrocalyx</i>	Caliandra	Fabaceae	1–2 m	Arbusto compacto	Inflorescências vermelhas e atraentes
<i>Calliandra spinosa</i>	Marizeira	Fabaceae	1–2 m	Arbusto ramificado	Ornamental, floração atrativa
<i>Combretum leprosum</i>	Mofumbo	Combretaceae	2–5 m	Copa irregular	Florada branca, tolerância ao calor
<i>Croton blanchetianus</i>	Marmeleiro	Euphorbiaceae	1,5–3 m	Copa irregular	Folhagem prateada e rústica
<i>Mimosa tenuiflora</i>	Jurema-preta	Fabaceae	2–4 m	Copa ramificada	Rústica, ornamental em paisagismo árido
<i>Mimosa verrucosa</i>	Jurema-rosa	Fabaceae	2–4 m	Copa aberta	Flores rosadas, resistência à seca

<i>Piptadenia stipulacea</i>	Jurema-branca	Fabaceae	2–5 m	Copa aberta	Espécie adaptada à Caatinga
<i>Copernicia prunifera</i>	Carnaúba	Arecaceae	até 20 m	Copa simétrica, folhas eretas	Escultural, símbolo cultural e ecológico

Tabela 2 - Lista de espécies: trepadeiras

<i>Dioclea grandiflora</i>	Mucunã	Fabaceae	3–6 m	Trepadeira vigorosa	Frutos exóticos, vigor ornamental
<i>Jacquemontia pentanthos</i>	Amarra-cachorro	Convolvulaceae	2–5 m	Trepadeira leve	Flores azuis vibrantes
<i>Ipomoea cairica</i>	Jitirana	Convolvulaceae	3–5 m	Trepadeira rasteira	Flores grandes, ideal para pérgolas
<i>Neojobertia candolleana</i>	Cipó de cesto	Rubiaceae	2–4 m	Trepadeira ramificada	Uso artesanal e ornamental
<i>Passiflora cincinnata</i>	Maracujá-do-mato	Passifloraceae	3–6 m	Trepadeira ramificada	Frutos e flores ornamentais
<i>Passiflora luetzelburgii</i>	Maracujá-de-raposa	Passifloraceae	2–4 m	Trepadeira flexível	Florada exótica, atrai fauna
<i>Pereskia grandifolia</i>	Ora-pro-nobis rosa	Cactaceae	2–4 m	Arbustiva-trepadeira	Comestível e ornamental
<i>Periandra coccinea</i>	Cunhã de flor vermelha	Fabaceae	2–5 m	Trepadeira lenhosa	Flor vermelha intensa, atrativa

Tabela 3 - Lista de espécies: herbáceas

<i>Alophia linearis</i>	Íris do campo	Iridaceae	30–60 cm	Herbácea, folhas finas	Flor ornamental, ideal para bordaduras
<i>Angelonia campestris</i>	Violeta do campo	Plantaginaceae	30–50 cm	Touceiras floríferas	Florada delicada e contínua
<i>Evolvulus cordatus</i>	Azulzinha do campo	Convolvulaceae	20–30 cm	Herbácea rasteira	Flor azul intensa
<i>Hybanthus calceolaria</i>	Ipepaconha	Violaceae	20–40 cm	Herbácea singela	Flor discreta e delicada
<i>Mandevilla tenuifolia</i>	Batata de vaqueiro	Apocynaceae	30–60 cm	Herbácea rasteira	Florada branca ou rosada

<i>Portulaca spp.</i>	Onze horas ou beldroega	Portulacaceae	15–25 cm	Rasteira suculenta	Floração colorida
<i>Selaginella convoluta</i>	Jericó	Selaginellaceae	5–10 cm	Rasteira, ressurreição	Adaptação à seca extrema
<i>Turnera spp.</i>	Chanana	Passifloraceae	30–50 cm	Herbácea densa	Floradas diurnas e delicadas
<i>Zephyranthes sylvatica</i>	Lírio da Caatinga	Amaryllidaceae	30–50 cm	Touceiras herbáceas	Florada intensa após chuvas

Tabela 4 - Lista de espécies: cactáceas

<i>Arrojadoa rhodantha</i>	Rabo de raposa	Cactaceae	1–2 m	Colunar com ramificações	Florada rosa, visual delicado
<i>Cereus albicaulis</i>	Mandacaruzinho ou Rabo-de-cachorro	Cactaceae	1–2 m	Erguido e fino	Rústico e escultural
<i>Cereus jamacaru</i>	Mandacaru	Cactaceae	2–6 m	Colunar, ramificada	Símbolo da Caatinga, visual escultural
<i>Harrisia adscendens</i>	Caixa cobri	Cactaceae	1–3 m	Caule fino, espinhoso	Ramos escultóricos, flores noturnas
<i>Melocactus spp.</i>	Coroa de frade	Cactaceae	20–40 cm	Globo com cefálio	Aparência, ideal para rochas e vasos
<i>Pilosocereus gounellei</i>	Xique-xique	Cactaceae	2–3 m	Caule segmentado	Florada vibrante, tolerância à seca
<i>Pilosocereus pachycladus</i>	Facheiro	Cactaceae	2–5 m	Caule colunar	Jardins xerófitos, tolerante à seca
<i>Tacinga inamoena</i>	Quipá	Cactaceae	0,5–2 m	Ramos achatados	Frutífera e ornamental
<i>Tacinga palmadora</i>	Palmatória	Cactaceae	0,5–1,5 m	Caule ramificado	Visual exótico, florada colorida

Tabela 5 - Lista de espécies: bromélias

<i>Bromelia arenaria</i>	Gravatá	Bromeliaceae	0,5–1 m	Roseta rígida	Arquitetura marcante, flores exóticas
<i>Bromelia laciniosa</i>	Macambira de cachorro	Bromeliaceae	0,3–0,8 m	Roseta basal	Folhagem densa, resistente

<i>Encholirium spectabile</i>	Macambira de flecha	Bromeliaceae	0,5–1 m	Roseta rígida	Escultural, tolera altas temperaturas
<i>Neoglaziovia variegata</i>	Caroá	Bromeliaceae	0,3–1 m	Roseta acaule	Arquitetura exótica, ideal para solos pobres
<i>Tillandsia recurvata</i>	Cravo do mato	Bromeliaceae	10–30 cm	Epífita densa	Colonizadora de árvores, ornamental
<i>Tillandsia streptocarpa</i>	Medusa	Bromeliaceae	10–40 cm	Roseta aérea	aparência exótica, ideal para vasos suspensos
<i>Tillandsia usneoides</i>	Barba-de-bode	Bromeliaceae	0,5–1 m	Epífita filamentosa	Visual aéreo e ornamental

A vegetação do bioma Caatinga apresenta elevada riqueza e diversidade florística. Este estudo, no entanto, se propõe a apresentar apenas um recorte, com o objetivo de estabelecer uma base preliminar para investigações futuras, permitindo, posteriormente, a ampliação do levantamento e a inclusão de novas espécies.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de espécies nativas da Caatinga no paisagismo é uma alternativa sustentável, eficiente e tem o potencial de agregar um grande valor estético aos projetos paisagísticos, tanto pela variedade de cores, formas e texturas, quanto pelo ciclo de transformações que a vegetação sofre ao longo do ano, de acordo com os períodos de seca, chuva, floração e frutificação.

Promover seu uso em projetos paisagísticos fortalece a identidade regional e contribui para a conservação do bioma. No entanto, a limitação de espécies ofertadas pelo mercado ainda representa uma grande barreira para uma implementação mais ampla de projetos sustentáveis a curto prazo. Diante dessa realidade, e enquanto o mercado viveirista não atentar para a riqueza do referido bioma e suas potencialidades, a proposta de projetos que possibilitem a mescla de espécies nativas com espécies não-invasoras de outros biomas pode ser um caminho a ser percorrido. Segundo Ricardo Cardim:

[...] enquanto não existir no mercado viveirista uma disponibilidade de plantas ornamentais nativas regionais, em quantidade e qualidade suficientes de espécies e exemplares para projetar diferentes escalas de áreas verdes, e compatível com a enorme biodiversidade disponível na maioria dos ecossistemas brasileiro, será necessário aumentar o peso cultural do projeto, o que significa a inclusão de espécies não regionais e de outros biomas e regiões, a fim de agregar mais opções de criação estética e artística e incrementar a valorização cultural da paisagem no país. Esse repertório auxiliará na educação ambiental e valorização da biodiversidade como um todo (CARDIM, 2022, p.188).

REFERÊNCIAS

- BORELLI, Ana (org.). **Tributo a Fernando Chacel**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora TIX, 2017.
- CARDIM, Ricardo. **Paisagismo sustentável para o Brasil: integrando natureza e humanidade no século XXI**. São Paulo: Olhares, 2022
- CAVALCANTE, M. Z. B.; DULTRA, D. F. S.; SILVA, H. L. da C.; COTTING, J. C.; SILVA, S. D. P. da; SIQUEIRA FILHO, J. A. de. **Potencial ornamental de espécies do Bioma Caatinga**. *Comunicata Scientiae*, Bom Jesus, v. 8, n. 1, p. 43–58, 2017.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: [Penguin-Companhia], 2019 [1902].
- CURADO, Miriam Mendoça de Campos. Paisagismo contemporâneo no Brasil: Fernando Chacel e o conceito de ecogênese. Seminário Docomomo Brasil: Anais, n. 8, p. 1-20, 2025. Disponível em: <https://publicacoes.docomomobrasil.com/anais/article/view/1375>. Acesso em: 20 fev. 2026
- DOURADO, Guilherme Mazza. **Modernidade verde: jardins de Burle Marx**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.
- KILL, L. H. P.; ALVAREZ, I. A.; TERAQ, D. **Plantas ornamentais da Caatinga**. Brasília, DF: Embrapa, 2013.
- MAIA, Gerda Nickel. **Caatinga: árvores e arbustos e suas utilidades**. Fortaleza: D&Z Computação Gráfica e Editora, 2004.
- MAIA-SILVA, C.; SILVA, C. I.; HRNCIR, M.; QUEIROZ, R. T.; IMPERATRIZ-FONSECA, V. L. **Guia de plantas visitadas por abelhas na Caatinga**. Fortaleza: Editora Fundação Brasil Cidadão, 2012.
- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE E MUDANÇA DO CLIMA (BRASIL). *Caatinga*. Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-biomas/biomas-e-ecossistemas/biomas/caatinga>. Acesso em: 20 fev. 2026.
- NOBRE, Paulo José Lisboa. **Jardins “Severinos”: os projetos de Burle Marx para Natal**. Natal: Grupo de Pesquisa História da Cidade, do Território e do Urbanismo (HCURB), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, [s.d.]. Disponível em: https://hcurb.ct.ufrn.br/_assets/modules/projetosvinculados/projetovinculado_153.pdf. Acesso em: 20 fev. 2026.